

CORRESPONDÊNCIAS DE 1643 ENTRE DESCARTES E ELISABETH



SOBRE ESTA TRADUÇÃO

Esta é uma tradução parcial da versão em inglês das correspondências elaborada por Jonathan Bennett, a quem agradeço por autorizar esta tradução para o português. Segundo suas palavras, esta versão tem propósitos didáticos e não substitui a original, visando “principalmente apresentar o conteúdo *filosófico* das correspondências”. Com essa finalidade, foram feitas omissões, adaptações, adições e uma formatação peculiar. “· Pontos · pequenos encerram o material que foi acrescentado, mas que pode ser lido como se fosse parte do texto original. Marcadores ocasionais, e também o recuo de passagens que não são citações, visam auxiliar a apreensão da estrutura de uma frase ou pensamento. Toda sequência de quatro pontos indica a omissão de uma passagem breve que parece apresentar mais dificuldade do que convém”. Na presente tradução, as omissões mais longas e as explicações editoriais foram indicadas em notas de rodapé. As versões em inglês deste e também de vários outros textos do período moderno estão disponíveis no site www.earlymoderntexts.com.

ELISABETH ESCREVE EM 6 DE MAIO DE 1643:

Quando ouvi que você planejava me visitar alguns dias atrás, fiquei •eufórica com sua disponibilidade gentil de dividir-se com uma pessoa ignorante e cabeça-dura, e •entristecida pelo infortúnio de perder uma conversa rentável dessas. Quando M. Pollot¹ me conduziu pelas soluções que você lhe tinha dado para algumas obscuridades na física de Regius, o meu arrependimento de tê-lo perdido aumentou, pois teria aprendido melhor diretamente de você. E o contato direto teria me dado algo mais. Quando o professor Regius esteve aqui em Haia, fiz-lhe uma questão que ele disse que seria mais bem respondida por você. Fico envergonhada de meu estilo desordenado de escrita, devido ao qual não lhe escrevi antes pedindo esse favor.²

Mas hoje M. Pollot deu-me essa garantia de sua boa vontade para com qualquer um, e especialmente para comigo, que superei minha inibição e vim diretamente com ‘a questão que fiz ao professor, a saber’:

Dado que a alma de um ser humano é apenas uma substância *pensante*, como ela pode afetar os espíritos corporais, de modo a acarretar ações voluntárias?

‘A questão surge’ porque parece que o modo como algo se move depende apenas (i) do quanto é impulsionado, (ii) da maneira que é impulsionado ou (iii) da textura superficial e forma daquilo que o impulsiona.³ Dessas [alternativas], as duas primeiras exigem *contato* entre as duas coisas, e a terceira exige que algo causalmente ativo seja extenso. Sua noção de alma exclui inteiramente a extensão, e parece-me que uma coisa imaterial está impossibilitada de *tocar* qualquer outra coisa. Assim,

¹ Um amigo de Descartes e da princesa.

² Na próxima frase, a princesa baseia-se em uma teoria sobre a alma-no-corpo de acordo com a qual os pensamentos da alma são transmitidos aos ‘espíritos’ – componentes do corpo – que então causam comportamentos corporais manifestos. Ver também a nota 5.

³ Essa versão de (i) é uma suposição, baseada na suposição de que a *pulsion* deveria ter sido *impulsion*.

peço-lhe uma definição da alma que conduza mais completamente à sua natureza do que aquela que você oferece nas suas *Meditações*, isto é, quero uma definição que caracterize o que ela •é, enquanto distinta do que ela •faz (a saber, pensar). Parece que as almas humanas podem existir sem pensar – por exemplo, em uma criança não-nascida ou em alguém que tem um grande desmaio –, mas, ainda que não seja assim, e a natureza intrínseca da alma e seu pensamento sejam tão inseparáveis quando o são os atributos de Deus, podemos ainda chegar a uma ideia mais perfeita de ambos, considerando-os separadamente. ‘Ao escrever-lhe deste modo’ estou lhe expondo livremente a fraqueza das especulações da minha alma; mas sei que você é o melhor físico para a *minha* alma, e espero que observe o juramento hipocrático e forneça-me os remédios sem torná-los públicos.^{4 5}

⁴ Ela está se referindo a um juramento tradicionalmente associado a Hipócrates, um pioneiro da medicina no IV séc. a.C., que inclui isto: ‘De tudo aquilo que pode chegar ao meu conhecimento no exercício da minha profissão ou nos negócios diários com os homens, o que não deve ser espalhado, manterei em segredo e nunca revelarei’.

⁵ A palavra francesa para os ‘espíritos’ corporais referida nesse parágrafo é *esprit*. Essa palavra também pode significar ‘mente’ e é traduzida assim nesta versão onde quer que seja apropriado, por exemplo, na referência de Descartes à ‘mente incomparável’ da princesa na carta de 21 de maio. Quando ele ou a princesa está escrevendo sobre a mente em um modo carregado teoricamente – por exemplo, discutindo a interação entre a mente e o corpo – eles não usam *esprit* mas *âme*, usualmente traduzida por ‘alma’. A ligação entre *âme* e ‘alma’ será preservada ao longo desta versão; mas lembre que esses usos de ‘alma’ têm pouco, se algum, conteúdo teológico e são, quase sempre, apenas maneiras extravagantes de dizer ‘mente’.

DESCARTES ESCREVE EM 21 DE MAIO DE 1643:

Sem dúvida você notou isso, e gentilmente quis me ajudar deixando os traços dos seus pensamentos no papel⁶. Então os li várias vezes e me acostumei a pensar sobre eles, do que resultou que de fato estou menos deslumbrado, mas proporcionalmente me admirando mais quando vejo que esses pensamentos parecem engenhosos a uma primeira leitura e parecem crescentemente sensatos e sólidos na medida em que os examino mais.

Em face de meus escritos publicados, a questão que mais corretamente se pode levantar é justamente a que você me coloca. Todo o conhecimento que podemos ter da alma humana depende de dois fatos a seu respeito: (1) o fato de que pensa e (2) o fato de que, estando unida ao corpo, pode agir sobre e receber a ação dele⁷. Eu não disse quase nada sobre (2), focando-me inteiramente em tornar (1) mais bem entendido. Isso porque meu objetivo principal era mostrar que a alma é distinta do corpo, e (1) foi útil para mostrar isso, enquanto (2) poderia ter sido prejudicial obscurecendo a questão, e distraíndo o leitor. Mas não posso omitir nada de uma visão tão fina quanto a sua! Então tentarei explicar aqui como concebo a união da alma com o corpo e como tem o poder de mover o corpo.

Início me concentrando no fato de que temos certas noções *básicas* que são como modelos, sobre o padrão das quais formamos todo o

⁶ Ele inicia louvando o favor da princesa de *escrever-lhe*. Quando se encontraram, diz ele, estava tão deslumbrado com sua combinação de inteligência e beleza que não pôde conversar direito. E continua [com o que segue].

⁷ Para 'agir', o francês tem *agir* e, para 'receber a ação de', tem *pâtir*, para os quais não há verbo equivalente em inglês. O par de verbos *agir* – *pâtir*

está ligado ao par de substantivos

'agent' [agente] – 'patient' [paciente]

em um sentido hoje obsoleto de 'patient', e ao par de substantivos

'action' [ação] – 'passion' [paixão]

em um sentido hoje obsoleto de 'passion', e ao par de adjetivos

'active' [ativo] – 'passive' [passivo]

com significados que são ainda atuais.

restante do nosso conhecimento. Há muito poucas dessas. Em acréscimo às mais gerais –

(1) as noções de ser, número, duração etc.

– que se aplicam a tudo o que podemos conceber, temos para o corpo, em particular,

(2) apenas a noção de *extensão*, da qual se seguem as noções de forma e movimento;

e para a alma sozinha

(3) apenas a noção de *pensamento*, que inclui as noções das percepções do entendimento e as inclinações da vontade;

e, finalmente, para a alma e o corpo juntos

(4) apenas a noção da *sua união*, da qual depende a noção do poder da alma de mover o corpo e o poder do corpo de agir na alma causando suas sensações e paixões.

Observo em seguida que todo conhecimento humano seguro, disciplinado, consiste apenas em manter essas noções bem separadas umas das outras, e aplicar cada uma delas apenas às coisas para as quais são corretas.⁸ Quando tentamos explicar alguma dificuldade mediante uma noção que não é correta para ela, estamos fadados a nos dar mal; exatamente como estamos quando tentamos explicar ou definir uma dessas noções em termos de outra, pois cada uma delas é *básica* e, assim, pode ser entendida somente através de si mesma. O uso dos sentidos tornou nossas noções de extensão, formas e movimentos muito mais familiares a nós do que nossas outras noções, e, simplesmente por isso, a principal causa de nossos erros se encontra em nossas tentativas ordinárias de usar essas noções para explicar coisas para as quais não são

⁸ Ao longo dessa carta, expressões sobre uma noção ser 'correta para' x traduzem os usos franceses de *appartenir à*, que significam literalmente que a noção pertence a x.

corretas. Por exemplo, quando tentamos usar a imaginação para conceber a natureza da alma, ou quando tentamos conceber como a alma move o corpo em termos de como um corpo move um corpo.

Nas *Meditações*, que você foi bondosa o bastante em ler, tentei tornar concebíveis (3) as noções que são corretas apenas para a alma, distinguindo-as daquelas (2) que são corretas apenas para o corpo. Assim, a primeira coisa que devo explicar agora é como conceber (4) as noções que são corretas para a união da alma com o corpo, separadamente de (2) e (3). Parece-me que o que escrevi ao final das minhas respostas às Sextas Objeções pode ajudar com isso. Pois não podemos buscar essas noções simples em qualquer lugar, exceto em nossa alma, a qual naturalmente contém todas elas, embora nem sempre (i) as distinga umas das outras ou (ii) as aplique aos objetos aos quais devem ser aplicadas.

Assim, penso que até agora (i) confundimos a noção do •poder da alma de agir sobre o corpo com o •poder do corpo de agir sobre outros corpos, e (ii) as aplicamos (não à alma, pois ainda não conhecíamos a alma, mas) a várias qualidades de corpos – peso, calor e assim por diante –, as quais imaginamos serem reais, isto é, terem uma existência distinta daquela do corpo que as possui, e, assim, serem •substâncias, apesar de as termos chamado de •‘qualidades’⁹. Ao tentar entender o peso, o calor e o resto, •por vezes lhes aplicamos noções que temos para conhecer o corpo e •por vezes noções que temos para conhecer a alma, dependendo de se lhes atribuímos algo material ou algo imaterial. Tome como exemplo

⁹ Descartes usa aqui ‘real’ – *réelles*, que vem do Latin *res* = ‘coisa’ – como uma maneira de dizer que imaginamos que essas •qualidades fossem •coisas. Aqui ele está se referindo desdenhosamente a uma teoria filosófica que implica coisas com esta: Quando um x frio é colocado sobre um y quente, alguns dos calores de y passam para x. Não é simplesmente que y esfria tanto quanto x esquenta, mas a mesma instância individual de calor que y tem é adquirida por x. Essa teoria distingue três itens:

- um particular concreto: a placa y quente
- um universal abstrato: calor
- um particular abstrato: o calor de y.

Descartes sempre rejeitou essa teoria das ‘qualidades reais’, dizendo que, ao tratar um pacote individual (por assim dizer) de calor como sendo possuído primeiro por y e depois por x, o estamos tratando como uma coisa, uma substância.

o que acontece quando supomos que o peso é uma ‘qualidade real’ sobre a qual não sabemos nada, exceto que tem o poder de mover o corpo que o possui em direção ao centro da terra. ‘Como pensamos que o peso de uma pedra move a pedra para baixo?’ Não pensamos que isso acontece através de um contato real de uma superfície contra a outra ‘como se o peso fosse uma mão empurrando a pedra abaixo!’ Mas não temos nenhuma dificuldade em conceber como ele move o corpo, nem como o peso e a pedra estão conectados, porque descobrimos a partir da nossa própria experiência interna que ‘já’ temos uma noção que proporciona exatamente essa conexão. Mas acredito que estamos fazendo mau uso dessa noção quando a aplicamos ao peso – o qual, como espero mostrar na minha *Física*, não é uma coisa distinta do corpo que o possui. Pois acredito que essa noção nos foi dada para conceber como a alma move o corpo.

Se prolongo essa explicação, estarei cometendo uma injustiça contra sua mente incomparável, ao passo que, se me permito pensar que o que escrevi até agora lhe será inteiramente satisfatório, serei culpado de vaidade. Tentarei seguir ao meio de ambos dizendo apenas isto: se posso escrever ou dizer alguma coisa que lhe poderia agradar, tomarei sempre como uma grande honra apanhar uma caneta ou ir a Haia¹⁰ com esse propósito. . . . Mas não encontro aqui ‘em sua carta’ nada que traga à tona o juramento hipocrático ao qual você me submete, pois tudo na carta merece ser visto e admirado por todos. ‘Mesmo assim, obedecerei o juramento!’ Sua carta me é infinitamente preciosa, e a tratarei da forma como os avarentos tratam seus tesouros: quanto mais os valorizam, mais os escondem, relutando que o resto do mundo os veja e colocando sua suprema felicidade em contemplá-los. . . .

¹⁰ Lugar onde Elisabeth vivia nessa época.

ELISABETH ESCREVE EM 10 DE JUNHO DE 1643:

Sua bondade não se mostra apenas em seu apontamento e correção das falhas no meu raciocínio (como era de esperar), mas também em seu uso de falsos elogios. . . de modo a tornar-me as falhas menos angustiantes. Os falsos elogios não eram necessários: a vida que levo aqui. . . tornou-me tão familiar com as minhas falhas, que pensar nelas não me faz *sentir* nada além do desejo de remediá-las.

Assim, não fico envergonhada em admitir que encontrei em mim mesma todas as causas dos erros que você menciona em sua carta, e que ainda não os posso banir inteiramente. Isso porque a vida que sou obrigada a levar não me deixa livre tempo suficiente para adquirir um hábito de meditação em acordo com suas regras. Os interesses da minha casa (os quais não devo negligenciar) e as conversas e obrigações sociais (as quais não posso evitar), infligem tanto aborrecimento e tédio nesta ‘minha’ mente fraca, que ela não serve para mais nada por um longo tempo subsequente¹¹. Espero que isso desculpe minha incapacidade estúpida de apreender ‘o que você quer que eu apreenda’. Não vejo como

(1) a ideia que você costumava ter sobre o peso

possa nos guiar para

(2) a ideia que necessitamos para julgar como a alma (inextensa e imaterial) pode mover o corpo.

‘Para colocar tornar a minha dificuldade mais concreta’: não vejo por que deveríamos nos persuadir de que

¹¹ Por ‘minha casa’ ela quer dizer a família semirreal à qual pertence. Seu pai subiu em 1620 de sua condição semirreal ao título de Rei de Boêmia, e depois, em questão de meses, perdeu seu reino (para o Santo Império Romano) e outras terras que tinha governado (para a Espanha). Ele e alguns de sua família se refugiaram em Haia, onde se juntaram a Elisabeth e alguns de seus irmãos no final da década de 1620. Seu pai morreu em batalha (lutando em nome do rei da Suécia) em 1632. A família órfã exilada era de algum modo politicamente engajada e proeminente; não era rica.

(a) um corpo *pode* ser empurrado por uma coisa imaterial

a partir do

(b) ‘suposto’ poder de conduzir o corpo para o centro da terra, o ‘poder’ que você costumava atribuir erroneamente ao peso, o qual você tomava ‘erroneamente’ como uma qualidade ‘real’;

antes de ser confirmada a opinião de que

(c) um corpo *não pode* ser empurrado por algo imaterial,

pela demonstração que você promete em sua física de que

(d) o modo como o peso opera não é nada semelhante a (b).

A ideia antiga sobre o *peso* pode ser uma ficção produzida pela ignorância do que realmente move as pedras em direção ao centro da terra (ela não pode reivindicar a veracidade especial assegurada à ideia de Deus!). ‘E, se vamos tentar teorizar sobre a causa do peso,’ o argumento poderia ser como este:

Nenhuma causa material ‘do peso’ se apresenta aos sentidos, de modo que esse poder tem de se dever ao que é contrário ao que é material, isto é, a uma causa imaterial.

Mas nunca pude conceber ‘o que é imaterial’ de qualquer outro modo que não ‘o negativo vazio’ ‘o que não é material’, e *este* não pode entrar em relações causais com a matéria!

Tenho de dizer que consideraria mais fácil conceder matéria e extensão à alma do que conceder que uma coisa imaterial poderia mover e ser movida por um corpo. Por um lado, se a alma move o corpo mediante *information*¹², os espíritos teriam de pensar, e você diz que nada de gênero corporal pensa. Por outro lado, você mostra em suas *Meditações* que o

¹² Palavra francesa.

corpo poderia mover a alma, e ainda assim é difícil entender que uma alma (como você descreveu as almas), tendo se tornado apta e acostumada a raciocinar bem, pode perder tudo isso por causa de alguma condição vaporosa do corpo; e que uma alma que possa existir sem o corpo, e que não tenha nada em comum com o corpo, seja governada assim por ele.

Mas, agora que você se encarregou de me instruir, cogito essas opiniões apenas como amigos cuja amizade não tenho a expectativa de manter, assegurando a mim mesma que você explicará a natureza de uma substância imaterial e a maneira como age e recebe a ação do corpo, fazendo nisso um trabalho tão bom quanto em todas as outras coisas que você se encarregou de ensinar.

DESCARTES ESCREVE EM 28 DE JUNHO DE 1643:

Sou muito grato por sua boa vontade de me ouvir pacientemente em um assunto que apresentei tão mal na minha carta anterior, dando-me uma chance de preencher as lacunas daquela carta. As principais, me parece, são estas duas: (1) Após distinguir três tipos de ideias ou noções básicas, cada uma das quais é conhecida do seu próprio modo especial e não por uma comparação às outras – isto é, nossas noções da alma, do corpo e da união da alma com o corpo –, deveria ter explicado as diferenças entre esses três tipos de noções e entre as operações da alma mediante as quais as temos, e ter dito como tornamos cada uma delas familiar e fácil para nós. (2) Após dizer por que fiz a comparação com o peso, deveria ter esclarecido que, embora poderíamos desejar pensar a alma como material (o que, estritamente falando, é simplesmente conceber sua união com o corpo), isso não nos poderia impedir de reconhecer que a alma é separável do corpo. Penso que isso cobre tudo o que você me solicitou em sua carta.

Primeiro, então, noto esta grande diferença entre estes três tipos de noções: •A alma é concebida somente pelo intelecto puro; •o corpo – isto é, a extensão, formas e movimentos – também pode ser conhecida pelo intelecto sozinho, mas o conhecimento é muito melhor quando o intelecto é auxiliado pela imaginação; e, finalmente, o conhecimento que obtemos •do que pertence à união da alma com o corpo é um assunto muito obscuro quando vem do intelecto (quer sozinho ou com o auxílio da imaginação), mas é muito claro quando há envolvimento dos sentidos¹³. É por isso que as pessoas que nunca abordam as coisas de uma maneira teórica e usam apenas seus sentidos não têm nenhuma dúvida de que a alma move o corpo e que o corpo age sobre a alma. Elas tratam a alma e o corpo como uma coisa única, isto é, concebem sua união. ·Eu sou

¹³ ‘Obscuro’ e ‘claro’ traduzem advérbios relacionados aos adjetivos *obscur* e *clair*. Traduzir o último como ‘claro’ é geralmente errado: isso dá um sentido pobre a muitas coisas que Descartes diz usando *clair*, mais notavelmente de ter dito que a dor é sempre *clair*, sendo isso uma explicação do que *clair* significa! Sua famosa ênfase em ideias que são *claires* e *distinctes* pede por ideias que são vívidas e claras (nessa ordem).

igual a elas; pois conceber a união entre duas coisas é concebê-las como uma única coisa. Os pensamentos metafísicos, que exercitam apenas o intelecto, servem para nos familiarizar com a noção da alma; e o estudo da matemática, que emprega principalmente a imaginação (ao pensar sobre formas e movimentos), nos acostumam a formar noções muito claras do corpo. Mas o que nos ensina a conceber a união da alma com o corpo é o curso ordinário da vida e da conversa, e não meditar ou estudar coisas que exercitam a imaginação.

Por favor, não pense que estou brincando; tenho e sempre terei muito respeito por você para fazê-lo. É realmente verdade que a principal regra que mantenho em meus estudos – a regra que penso mais ter me ajudado a ganhar um pouco de conhecimento – tem sido esta:

Nunca gasto mais do que poucas horas por dia em pensamentos que envolvem a imaginação, ou mais do que poucas horas por ano em pensamentos que envolvem apenas o intelecto. Eu deixo todo o restante do meu tempo ao descanso dos sentidos e ao repouso da mente.¹⁴

Conto entre as atividades que envolvem a imaginação todas as conversas sérias e qualquer coisa que se necessite fazer com atenção. É por isso que me retirei para o campo [*country*]. Na cidade mais movimentada do mundo, eu poderia ter tantas horas para mim quanto as que emprego agora no estudo, mas não poderia fazer esse bom uso delas quando minha mente estivesse cansada pela atenção que teria de dar aos emaranhados agitados da vida cotidiana. Tomo a liberdade de lhe contar isso como uma homenagem admirada à sua habilidade – em meio a todos os negócios e preocupações que chegam a pessoas que combinam grandes mentes com um nascimento nobre – de aplicar sua mente às meditações necessárias para apreciar a distinção da alma em relação ao corpo.

Escrevi desse modo porque julguei que foram essas meditações,

¹⁴ Descartes escreve sobre dar tempo ao *relâche des sens*, o que poderia significar ‘descansar os sentidos’, mas provavelmente signifique ‘descansar de maneiras que envolvam os sentidos’.

antes que aqueles outros pensamentos intelectualmente menos exigentes, que lhe levaram a encontrar obscuridade em nossa noção de sua união; pois parece-me que a mente humana não pode conceber

(a) a distinção da alma em relação ao corpo e (b) sua união com o corpo,

concebendo-as muito claramente e ambas ao mesmo tempo. É por isso que nos é exigido concebê-las como (b) uma única coisa e, ao mesmo tempo, como (a) duas coisas, o que é contraditório. Quando escrevi minha carta, pensei que você ainda tinha em mente as razões que provam que (a) a alma é distinta do corpo; e não lhe queria solicitar deixá-las de lado para trazer à tona a noção de (b) sua união, a qual todo mundo sempre experiencia em si mesmo sem filosofar – simplesmente por saber que é uma pessoa singular que tem tanto corpo e pensamento, cujas naturezas são tais que esse pensamento pode mover o corpo e pode sentir o que acontece com o corpo. É por isso que em minha carta fiz uma comparação com o peso e as outras qualidades que comumente imaginamos estarem unidas a alguns corpos, tal como o pensamento está unido ao nosso. Foi uma comparação imperfeita, pois o peso e aquelas outras qualidades não são ‘reais’, embora as imaginemos como sendo assim¹⁵; mas não fiquei incomodado com isso porque pensei que você já estava completamente convencida de que a alma é uma substância distinta do corpo.

Mas, dado que você observa que é mais fácil atribuir matéria e extensão à alma do que lhe creditar a capacidade de mover e ser movida pelo corpo sem ter matéria, por favor, sinta-se livre para atribuir essa matéria e extensão à alma – porque é isso que é concebê-la como unida ao corpo. Uma vez que tiver formado uma concepção própria disso e tiver, você mesma, a experienciado, achará fácil reconhecer que

a matéria que terá atribuído a um pensamento não é o próprio

¹⁵ Ver a nota 9.

pensamento, e

•a extensão dessa matéria é de uma natureza diferente da extensão desse pensamento (porque a primeira está presa a uma localização definida que ocupa, de modo a manter-se separada de qualquer outra extensão corporal, o que não é o caso com a última).

Então você não achará difícil retornar ao conhecimento da distinção da alma em relação ao corpo, apesar de ter concebido sua união.¹⁶

Acredito que é muito necessário ter propriamente entendidos os princípios da metafísica •uma vez na vida, pois são o que nos fornece conhecimento de Deus e da nossa alma. Também penso que •alguém• •focar frequentemente seu intelecto neles seria muito prejudicial, pois o incapacitaria de manipular bem as funções da imaginação e dos sentidos. O melhor curso, penso, é confortar-se em manter na memória e no sistema de crenças as conclusões que uma vez foram extraídas dos princípios metafísicos, e, então, empregar o restante do tempo de estudo nos pensamentos em que o intelecto coopera com a imaginação e os sentidos.

Minha grande devoção ao seu serviço me faz esperar que minha franqueza não lhe desagrade. Teria escrito mais, tentando esclarecer de uma vez por todas as dificuldades que você levantou, não fosse...¹⁷

¹⁶ Quatro notas sobre a passagem pretendida acima. •A transição de ‘alma’ para ‘pensamento’ é de Descartes; poderia lhe agradar pensar em por que ele a fez. •A passagem pode explicar por que Descartes falou de ‘atribuir matéria à alma’ antes de, mais naturalmente, ‘atribuir materialidade à alma’. A passagem pretendida poderia ser re-escrita de modo a não precisar do substantivo concreto ‘matéria’? •O que Descartes diz sobre ‘a extensão dessa matéria’ é o que diria sobre a extensão de *qualquer* matéria. •Descartes está dando a entender que pensamentos têm uma extensão, (mas as outras coisas extensas não: Ah!?) mas não o tipo de extensão que os corpos têm? [O original desta última frase é: “Is Descartes implying that thoughts do have extension, though not the *Other extended things: Keep out!* Kind of extension that bodies have?”, provavelmente usando um recurso retórico para destacar a estranheza envolvida em distinguir tipos de extensão.]

¹⁷ Então ele descreve as distrações de um problema legal decorrente de uma disputa pública que teve com Gisbertus Voetius, um teólogo holandês que atacou Descartes e arranjou uma denúncia formal de sua filosofia na Universidade de Utrecht, da qual era

ELISABETH ESCREVE EM 1º DE JULHO DE 1643:

Presumo que o alto valor que confiro aos seus ensinamentos, e meu desejo de beneficiar-me deles, não lhe tenham causado tantos problemas quanto a ingratidão de pessoas que privam a si mesmas de seus ensinamentos e deles querem privar a raça humana. Não lhe iria enviar ‘minha última carta’ – novo indício de minha ignorância! – até ouvir que tivesse concluído com esses dogmáticos obstinados; mas o Sr. Van Bergen concordou gentilmente em permanecer aqui na cidade até que pudesse ter ‘e levar-lhe’ uma resposta à sua carta de 28 de junho – que me fornece uma perspectiva clara dos três tipos de noções que temos, seus objetos e como deveríamos usá-las –, e isso me obrigou a seguir em frente.

Constato ‘a partir da sua carta’ que os sentidos me mostram *que* a alma move o corpo, mas, a respeito de *como* o faz, os sentidos não me dizem nada, nada mais do que o intelecto e a imaginação dizem. Isso me leva a pensar que a alma tem propriedades que não conhecemos – as quais poderiam derrubar sua doutrina, da qual estava persuadida por seus argumentos excelentes nas *Meditações*, de que a alma não é extensa. Essa dúvida parece apoiar-se na regra que você dá lá para tratar questões de verdade e falsidade, ‘dizendo’ que todos os nossos erros advêm de formarmos juízos sobre coisas que não percebemos suficientemente bem. Embora a extensão não seja necessária ao •pensamento, também não é inconsistente com ele; assim, pode proceder de •alguma outra coisa que a alma faça que [a extensão] não lhe seja menos essencial ‘do que o pensamento’.¹⁸ Ao menos isso – ‘a tese de que a alma é extensa’ – destrói a doutrina ‘auto-contraditória dos escolásticos de que a alma é inteiramente presente no corpo todo e inteiramente presente em cada uma de suas partes. Quanto à tese em si mesma, declaro-me culpada por

o diretor.

¹⁸ Nessa frase, ‘proceder de’ é uma conjectura. O original tem *duire à*, que não é francesa. Os grandes editores de Descartes, Adam e Tenny, conjecturam que *nuire à* = ‘confrontar com’, mas isso inverte o que claramente parece ser o elemento principal do que a princesa está dizendo.

ter confundido a noção da alma com a do corpo pela mesma razão que o vulgo o faz; mas este ‘reconhecimento de erro’ ainda me deixa com a dúvida inicial, ‘isto é, meu pensamento de que talvez, no fim das contas, a alma seja extensa’, e se você – que sozinho evita que eu seja uma cética – não dissipar essa dúvida, à qual meu primeiro raciocínio me conduziu, perderei a esperança de alguma vez estar certa sobre algo.

Devo-lhe esta confissão. . . ., mas acharia muito imprudente se já não soubesse – pela minha própria experiência e por sua reputação – que sua gentileza e generosidade são iguais ao restante de seus méritos. Você não poderia completar sua reputação de uma maneira mais gentil do que pelas clarificações e conselhos que me tem dado, os quais prezo entre os maiores tesouros que poderia ter.¹⁹

¹⁹ As cartas de novembro de 1643: nenhuma resposta de Descartes à carta precedente foi encontrada.

Ele enviou à princesa um determinado problema de geometria; ela lhe deu uma solução da qual Descartes foi informado; ele escreveu longamente, explicando por que sua primeira solução era menos elegante do que se disse que a dela era; ela enviou sua própria solução, a qual Descartes proclamou ‘muito parecida com uma que propus na minha *Geometria*’; e escreveu longamente sobre as vantagens da elegância e economia nas provas matemáticas.

Isso tudo evidentemente aconteceu em novembro de 1643; algumas das cartas envolvidas foram perdidas; as três que sobreviveram – duas dele, e uma dela – foram omitidas desta versão das Correspondências.